

A desorientação pós-moderna

Luiz Carlos Bresser-Pereira

O otimismo renascido com o fim da Segunda Guerra Mundial durou pouco. A percepção do fracasso do socialismo já começara a aparecer nos anos 1950, com a repressão da revolta em Budapeste em 1956 e com o aniquilamento da Primavera de Praga, em 1968. A perda de dinamismo da economia soviética ficou evidente nos anos 1970. Com a queda do muro de Berlim e o colapso da União Soviética, encerrou-se o projeto comunista de 1917. Antes disto, já no final da década de 1970, enquanto grandes intelectuais liberais, como Isaiah Berlin, decretavam o fim das grandes utopias e renunciavam o neoliberalismo, os filósofos pós-modernos de esquerda, desorientados e sem esperanças, decretaram o fim das grandes narrativas. Irmanavam-se, assim, na descrença no progresso. A análise clássica de Jean-François Lyotard, *La condition postmoderne* (1979), inaugurou o pós-modernismo. Dessa maneira os filósofos pós-modernistas manifestavam sua decepção com o marxismo e, mais amplamente, com a modernidade. Partiam do pressuposto de que o marxismo e o socialismo teriam sido a manifestação mais avançada da modernidade racionalista e que, portanto, não bastava criticá-los, era preciso também criticar o capitalismo e a modernidade que nasceram juntos com o marxismo e a proposta socialista. A partir da contribuição seminal de Michel Foucault, era preciso criticar o poder que estava em toda parte, ainda que não se tivesse uma alternativa a ele. A crítica volta a ter prioridade sobre a construção social e política. O pós-modernismo será destrutivo. Para Bauman “é acima de qualquer outra coisa um estado de espírito que zomba de tudo, que tudo solapa, que tudo dissolve, que é marcado pela *destrutividade*.”

Jürgen Habermas reagiu cedo às ideias pós-modernas. Para ele o projeto moderno do Iluminismo não se completou. Foi o Iluminismo que, pela primeira vez, distinguiu com clareza as três esferas da razão –ciência, moral e artes – e seus respectivos critérios normativos: verdade, justiça e beleza. “Entretanto”, assinalou Habermas, “o século XX sombreou esse otimismo. A diferenciação da ciência, da moral e das artes acabou por significar a autonomia de segmentos tratados por especialistas e sua separação da hermenêutica da vida cotidiana” (1985, p. 9). A solução para o problema, segundo o filósofo, não era voltar-se para o pós-modernismo, mas completar o projeto modernista.

Entretanto, a década de 1980 viveu uma profunda confusão que o pós-modernismo acentuava. A contrarrevolução neoliberal e o retrocesso intelectual neoclássico desorientavam a todos. Conforme assinalaram Steven Best e Douglas Kellner, nessa década e na seguinte,

Esta é a última seção do artigo “Modernidade neoliberal”, ensaio publicado em *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, 29(84), 2014: 87-102.

[...] principalmente os jovens adotaram o discurso pós-moderno, com frequência de forma agressiva e extremada, renunciando à teoria e à política modernas [...] paradoxalmente, os discursos pós-modernos eram ao mesmo tempo parte da virada conservadora para o individualismo, o empoderamento local, a rejeição do Estado do Bem-Estar Social e uma maneira de expressar oposição às teorias conservadoras (1997, p. 11).

Havia no pós-modernismo uma necessária crítica à epistemologia positivista que dominara o mundo afirmando o primado da ciência sobre todas as coisas, mas essa crítica foi longe demais. Para David Harvey, “não podemos aspirar a nenhuma representação unificada do mundo [...] como a representação e a ação são repressivas ou ilusórias, o pragmatismo (do tipo de Dewey) se torna a única filosofia de ação possível” (1992, p. 55). Não é essa, entretanto, a posição de John Dewey, mas de seu discípulo David Rorty que, apesar de admirar profundamente seu mestre, acabou sendo vítima de um relativismo radical, pós-moderno,¹ ao contrário dos três grandes pensadores pragmáticos (Charles Sanders Peirce, William James e Dewey), os quais eram filósofos históricos realistas. Para Dewey, por exemplo, a razão não é o órgão transcendental suposto pelos filósofos idealistas, nem o elemento impotente dos relativistas:

[...] a razão tem tarefa a cumprir, que liberta os homens da escravidão do passado, devida à ignorância e enrijecimento do acidente transformado em costume, e que projeta um futuro melhor e ajuda os homens a concretizá-lo. E sua atividade é sempre submetida à prova da experiência (Dewey, 1962, p. 108).

Em outras palavras, a razão e a experiência têm um compromisso com a verdade e com a modernidade.

O pós-modernismo expressou a descrença e a falta de esperança que se tornaram dominantes depois do auge utópico que foi a Revolução Estudantil de 1968 e do mal-estar experimentado nos anos posteriores. Nesse processo, a ideologia pós-moderna identificou-se com o individualismo radical que tomara conta das pessoas. Segundo Gilles Lipovetsky, trata-se de uma “explosão das aspirações de autonomia subjetiva em todas as camadas sociais, nas diversas categorias etárias e de sexo. É assim que se impõe a figura de um individualismo pós-moderno, desligado tanto dos ideais coletivos quanto do rigorismo educativo, familiar, sexual” (1993, p. 316). Enquanto na modernidade do pós-guerra um novo otimismo e uma nova crença na racionalidade prevaleceram, em um momento em que as grandes figuras do modernismo cultural do início do século já estavam consagradas, reconstruindo o mundo e a razão de maneira inovadora e crítica, na modernidade dos críticos pós-modernos a crença na razão e na prática volta a se perder.² Por isso Boaventura de Souza Santos, que também foi crítico do positivismo, rejeitou o pós-modernismo social que, afinal, invalidava a própria crítica ao torná-la relativa: “o pós-modernismo nessa acepção incluía na crítica da modernidade a própria ideia do pensamento crítico que ela tinha inaugurado” (2006, p. 24). Assim, quando o pós-modernismo assume caráter filosófico, assistimos a uma nova onda de relativismo radical que, por fim, privou a sociedade de critérios críticos. Em contrapartida, quando assume caráter sociológico, sobressai a ideia multiculturalista – conceito que expressa demandas legítimas das culturas minoritárias ou subordinadas, mas entra em conflito com o compromisso histórico do Estado-nação de integração nacional e se revela incapaz de pensar

tal contradição de maneira dialética para chegar a soluções que assegurem razoavelmente os dois objetivos.

Ficou então claro, como assinala Stuart Hall (1996), o conflito entre as aspirações de racionalidade e universalidade do mundo moderno e a crescente fragmentação e complexidade desse mesmo mundo, onde os indivíduos, confusos senão perplexos diante da incrível variedade dos insumos informativos que recebem todos os dias, deixaram-se dominar por uma modernidade neoliberal. A recusa das grandes narrativas e das ideias e normas universais se tornaram parte da nova visão do mundo, assim como um individualismo feroz e uma insegurança generalizada. O individualismo foi visto como única alternativa; os conceitos de emancipação e solidariedade tornam-se ideias fora do lugar. Nesse momento, como sugere Frederic Jameson ([1982] 1985, pp. 111-125), o pós-modernismo assumiu a forma do pastiche: além de ser reflexo do “capitalismo multinacional e do consumo”, constituiu uma reação aos excessos da modernidade e se aproximou do neoconservadorismo.

Terry Eagleton (1987, p. 19), citado por David Harvey, resumiu a proposta do pós-modernismo como o fim das grandes narrativas, das tentativas de entender a história de forma mais ampla. É possível compreender a frustração de Eagleton a esse respeito, mas é evidente que a alternativa não resvala em pensar o mundo como a soma de meros jogos de linguagem. O pós-modernismo atraiu a esquerda porque era uma forma de se criticar o capitalismo com a mesma força que a Escola de Frankfurt havia feito um pouco antes. Mas ela não pode se alimentar apenas da crítica, nem pretender que essa crítica possa ser feita sem se valer de critérios éticos e epistemológicos razoavelmente claros. Ademais, a esquerda precisa de um horizonte a se pautar, de grandes narrativas que nos permitam vislumbrá-lo, as quais, entretanto, devem ser tomadas com um grão de sal – jamais serem levadas ao pé da letra. Precisamos delas para entender a sociedade em que vivemos – e não é à toa que os pensadores mais fecundos são inevitavelmente orientados por uma visão do mundo –, mas não devemos transformá-las em verdade absoluta. Sua verdade é necessariamente provisória. Venho trabalhando no que se pode chamar de “grande narrativa do capitalismo e da modernidade”, na qual as duas classes dominantes (a classe capitalista e classe profissional) e a classe trabalhadora seguem lógicas diferentes: do capital/mercado, da organização/planejamento e da democracia/realização individual solidária. O embate e a cooperação entre essas categorias resultam na construção da nação, do Estado e de um sistema político global. Nesse processo, a crítica, sobretudo aquela que incide sobre questões centrais de nossa sociedade, como o poder, o capitalismo e a modernidade neoliberal, é imprescindível, mas só ganha força quando abre espaço para a proposta, para o projeto, para a utopia.

Referências

BEST, Steven & KELLNER, Douglas. (1997) *The postmodern turn*. Nova York, The Guilford Press.

DEWEY, John. (1962) *A filosofia em reconstrução*. São Paulo, Companhia Editora Nacional (orig. em inglês 1919).

- EAGLETON, Terry (1987), “Awakening from modernity”. *Times Literary Supplement*, 20 fev. 1987.
- HABERMAS, Jürgen. (1985) “Modernity, an incomplete project”, in Hal Foster (org.), *Postmodern culture*, Londres, Pluto Press, pp. 3-15 (orig. em alemão 1981).
- HALL, Stuart; HELD, David; HUB, Don & THOMPSON, Kenneth (orgs.), (1996) *Modernity*. Oxford, Blackwell.
- HARVEY, David. (1992), *Condição pós-moderna*. São Paulo, Edições Loyola (orig. em inglês 1989).
- JAMESON, Frederic. ([1982] 1985), “Postmodernism and consumer society”, in Hal Foster (org.), *Postmodern culture*, Londres, Pluto Press, pp. 111-125.
- LIPOVETSKY, Gilles. (1993 [1983]), “Postface” à segunda edição de *L'Ère du vide*. Paris, Gallimard, 1983.
- LYOTARD, Jean-François. (1979) *La condition postmoderne*, Paris, Les Éditions de Minuit.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. (2006), *A gramática do tempo*. Porto, Afrontamento.
- RORTY, Richard. (1980), *Philosophy and the mirror of nature*. Oxford, Blackwell.
- _____. (1994), “Relativismo: encontrar e fabricar”, in Antônio Cícero e Wally Salomão (orgs.), *O relativismo enquanto visão do mundo*, Rio de Janeiro, Francisco Alves, pp. 115-134.

¹ O caráter radical do relativismo de Richard Rorty está presente em seu *Philosophy and the mirror of nature* (1980), e ficou explícito na conferência que pronunciou em São Paulo, “Relativismo: encontrar e fabricar” (1994).

² Refiro-me a artistas plásticos, músicos e poetas como Picasso, Matisse, Kandinsky, Oscar Kirchner, Moore, Giacometti, Joyce, Fernando Pessoa, Carlos Drummond de Andrade, Lloyd Wright, Niemeyer, Stravinsky, Alban Berg, entre outros.